

## CATEGORIZAÇÃO DOS EX-VOTOS NO MUSEU VIVO DO PADRE CÍCERO EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Carla Façanha de Brito\*

Virgínia Bentes Pinto\*\*

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta algumas interrogações referentes ao âmbito dos objetos ex-votivos trazendo questões pertinentes ao universo da preservação e disseminação da memória e a construção de uma realidade representada pelos ex-votos - objeto da cultura material - e apresenta algumas questões que surgem a partir de nosso problema de pesquisa que se reflete na seguinte indagação: em que categorias devem ser agrupadas as peças referentes aos ex-votos do Museu Vivo<sup>1</sup> do Padre Cícero visando a estabelecer uma realidade representada por essas peças?

Esses objetos museológicos adquirem sentidos, transmutam da condição original de objetos de devoção. Conforme Azevedo Netto (2008, p.?), sendo esses elementos “formas de representação pública, já que foram produzidos em um espaço intersubjetivo, atuando nas estruturas cognitivas daqueles que interagiram com essas figuras”, refletimos sobre discurso expositivo com origem nessa resignificação dos ex-votos quando transmutam de sua condição original, de objetos de devoção para uma nova roupagem como objetos expostos em um espaço coletivo, no caso dos museus.

Conforme o Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa (1998), os ex-votos são objetos depositados em igrejas, casas de oração, capelas, simbolizando a graça alcançada. No entender de Nogueira (2006, p.?), entretanto,

O ex-voto começa por operar uma projecção da realidade individual e social na realidade sobrenatural, de cuja irrigação mútua resulta, digamos, uma ultra-realidade em devir que se impõe ao espectador ou ao utente-fruidor como estrutura circular: uma estrutura que vive numa temporalidade cíclica e não sequencial, sem princípio nem fim, auto-suficiente e, em última instância, imune a qualquer contingência ou desastre definitivos provocados por acontecimentos ou forças exteriores. Através do ex-voto, paga-se a promessa contraída e entretanto realizada, mas não só: este objecto artístico-ideológico não vale menos como testemunho da substituição da desordem pela ordem, da quase-morte pela vida, do sofrimento pela confortável e utópica imutabilidade.

Dessa maneira, o conceito de ex-votos tem hoje dimensão bem mais ampla em termos de sua tipologia, não se limitando somente as suas descrições tradicionais. Justamente por essas características é que entendemos serem as peças representativas dos ex-votos um

---

\* Professora Ms. – Campus Cariri – Universidade Federal do Ceará. Email: [carlafacanha@yahoo.com.br](mailto:carlafacanha@yahoo.com.br)

tipo particular de documento que necessita ser tratado, de modo a possibilitar outros olhares e dizeres na indexação, organização, recuperação e gestão de informações neles registradas. Além do mais, não esquecer de que os ex-votos, ao serem depositados nos espaços das igrejas católicas, passam a ser compartilhados por outros que já experimentaram ou esperam alguma graça representada por essas peças.

O tema escolhido instiga interesse mediante um compromisso e responsabilidade em atender a proposta de um trabalho de pesquisa que vise ao desenvolvimento da região caririense, na qual me insiro profissionalmente como docente do Curso de Biblioteconomia UFC- Campus Cariri, em Juazeiro do Norte-CE. Outra motivação para a escolha desse objeto de estudo é a possibilidade de avançar os conhecimentos no tema em lide e contribuir não só para a área de Ciência da Informação, mas para campos e disciplinas envolvidos nesta pesquisa, a história, a memória, a museologia, bem como para estudos futuros referentes a esse tema.

Este artigo é resultado de pesquisas desenvolvidas em nível de mestrado, onde procuramos entender os problemas voltados aos objetos da cultura material, em um trabalho específico com ex-votos, objetos-documentos da representatividade cultural e religiosidade popular, no intuito de buscar aspectos significantes que tornam esses objetos ricos de informações apontando para mapeamento de um transitar entre a memória individual e memória coletiva dos devotos revelada numa dinâmica de modelos e formas. (BRITO, 2012).

Assim objetivamos analisar o discurso imagético do acervo do Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE, representado na figura dos ex-votos, na perspectiva de elaboração de um modelo de categorização baseado na categorização aristotélica visando a representação indexal.

## **O MUSEU E OS EX-VOTOS: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA COM A MEMÓRIA**

Ao longo da história da humanidade, os museus constituem, por exemplo, espaços de memória científica, sociocultural e religiosa; independentemente de suas especificidades.

Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)

[...] os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose. (IBRAM, 2011).

Os museus são necessariamente espaços de comunicação, como bem diz Horta (1994, p.10), em sua análise semiótica do museu. Para essa estudiosa, os museus não se constituem apenas instituições, porém,

[...] mas como um meio, um instrumento, um sistema de comunicação, com uma estrutura flexível e mutante como a da linguagem que se apóia em um novo conceito do objeto museal”. Essa estudiosa diz ainda que, o processo de comunicação dos museus “implica o uso de diferentes códigos e sistemas semióticos, que vão atuar simultaneamente sobre os receptores.

Com suporte nessa compreensão de museu, procuramos estudar a figura dos ex-votos com base em algumas questões que norteiam o universo da preservação e disseminação da memória e a constituição de uma realidade representada por esses objetos. Vemos, pois, a relação entre ex-votos, devotos e museu como criação e transformação de sentido, de objeto devocional para objeto museológico, representada por um “vasto processo de formação, sustentação e transformação de objetos, na medida em que seus sentidos se modificam, modificando o mundo das pessoas”. (HAGUETTE, 2007). Essa realidade também está presente no contexto dos ex-votos, que tem o seu sentido inicial alterado graças a outros olhares dos devotos. Por exemplo, no caso do Museu Vivo do Padre Cícero, em observações empíricas, identificamos outras formas de conceber a figura tradicional do ex-voto, processo este que pode ser percebido nas figuras 1 e 2.



Figura-1 Ex-votos: imagens de cabeças de porcelanas



Figura 2- Ex-votos: bonecas  
Fonte: Foto da autora

Como podemos observar no primeiro exemplo, as cabeças de porcelana que antes serviam de modelos para a criação de bonecas, nessa nova configuração, foram inseridas na coleção como ex-votos com outros sentidos. No exemplo segundo, jamais se poderia acreditar que bonecas industrializadas também fossem apresentadas como objetos de devoção, no caso, os ex-votos. Essas bonecas, embora simbolizem as trigêmeas Alice, Yasmim e Isabely, exibem características completamente dissociadas de uma peça de ex-votos, inclusive tendo

conotação profana. Além disso, o entendimento semântico e biológico de geminilidade também se apresenta dissociado pelas características diversas dessas bonecas.

Observando essa realidade do deslocamento do conceito inicial de ex-voto, interessamos também a discussão do espaço museológico e sua composição mediante suas intervenções, repleto de simbologias, principalmente no que tange ao Museu Vivo do Padre Cícero como campo de pesquisa, não mais como espaço de reprodução da realidade, porém como *locus* de produção, elaboração sígnica. Em realidade, conforme Lima (2008, p. 36) essa produção de sentidos se traduz

A (re)interpretação que se faz do produto cultural ao qualificá-lo na categoria de Bem Cultural é uma atribuição de valor, um juízo elaborado pelo campo cultural que o consigna como elemento possuidor de caráter diferencial. E ao distingui-lo deste modo, torna-o 'especial' e em posição de destaque perante os demais objetos da mesma natureza, emprestando-lhe sentido de 'excepcionalidade'. Mencionando objetos materiais que se destacam e os significados decorrentes dos juízos de valor que lhes foram atribuídos, há exemplos eloqüentes para citar quando se trata de ilustrar o que se considera um Bem Cultural.

Entendemos que todo esse processo de representação apoiado nas possibilidades trazidas pela memória-fonte única na qual se podem representar as coisas do passado-guarda extensa ligação com a instância dos museus, ao servir de espaço de interação e troca de lembranças que se transformam em memórias, primordialmente individuais, mas que se tornam coletivas, não só por intermédio do compartilhamento destas, ao se colocarem materializadas pelos objetos proposto pelos espaços de representação, como os museus, mas também em sua formulação interna, trazidas ao presente pelo ato de rememoração dos fatos vividos.

Dessa forma a memória pode ser vista não só como lugar de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, como uma capacidade de (re) significação das coisas e de si mesmo. Nora (1993). Trata-se de uma representação das coisas vistas, vivenciadas do passado, processo de trazer ao presente lembranças dos lugares de nossa memória, de uma possível reconfiguração de fatos guardados que são despertados pela rememoração, e se estendem além do espaço minimizado pela materialização, relacionados a um plano abstrato.

Na afirmação cunhada por Aristóteles de que “a memória é do passado”, contemplamos o desejo de reconhecimento de uma coisa ausente, esse ato de reconhecimento encarado pelo processo de rememoração que ao ser evocado traz ao presente representações de coisas ausentes que se configuram em testemunhos, imagens e objetos. Esse exercício da memória evoca a imagem de um passado, sendo esta a verdadeira presentificação desse passado, assegurando o caráter legítimo da memória.



Ao identificar as instâncias produtoras e reprodutoras de sentido nos museus, observamos o papel desses agentes na troca de experiências, não mais alheias ou mesmo pessoais, mas experiências representadas por uma memória que é trazida ao museu, como espaço comum, contemplada e vivida pelo prisma da coletividade. A esses agentes Halbwachs (2006, p. 29) chama de testemunhos, ao acentuar que

[...] recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando diz: “não acredito no que vejo”, a pessoa sente que nela coexistem dois seres — um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o eu que realmente não viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros.

Esse autor não vê na origem da lembrança uma intuição sensível, conservada tal qual e recordada de modo idêntico. Essa lembrança inicial é chamada de primeiro testemunho, sempre envolvido pelo testemunho dos outros, sobre o que se viu ou não. Assim, o primeiro testemunho, que são as nossas impressões, está sempre apoiado em um processo de constituição da memória, processo esse que envolve o “si e o nós”.

Defendemos, então, o argumento de que os objetos caracterizados como ex-votos são reflexos de testemunhos não somente apoiados em uma memória individual de devoção, mas também enriquecidos pela memória coletiva das pessoas que tanto depositam suas graças representadas pela figura do ex-voto, quanto daquelas que contemplam, se identificam e tecem a relação e sentidos, agora, permitidos pela instância do museu. De acordo com Ricoeur (2007, p.41) “[...] o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história”. Dessa forma, é por intermédio dos fatos relatados, ou mesmo de fatos depositados como objetos e imagens, das memórias do passado, no caso dos ex-votos, que temos acesso ao discurso histórico apresentado não mais como fatos pessoais e íntimos, dispersos e sorrateiros, vistos sob a suspeita da óptica da descrença incutida pelo esquecimento, mas agora como fatos que podem ser estudados, questionados ou comprovados, refletidos e interpretados; quer dizer, a legitimação da memória materializada nos museus.

Com origem nessa transição permitida pela coletividade e vivência de nossas memórias, é que “[...] acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação”. (RICOEUR, 2007, p. 139). Assim nós pensamos com Halbwachs (2006, p. 41 e 42)



talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de pedir que este segundo aspecto seja admitido, pois esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos à distância, essa pessoa ainda recebe sua influência.

É sensível o aspecto colaborativo da memória ao evocar lembranças que caminham para um processo de presentificação não mais individuais, pessoais, pertencentes a um eu, mas se colocam diante de outras lembranças que se encontram e constroem uma memória coletiva, de todos, impregnada de um si e de um outro.

Nossa compreensão vai ao encontro do pensamento de Halbwachs (2006), que vê a memória como entidade coletiva pertinente a um grupo ou sociedade, no qual a recordação e o reconhecimento são caminhos que apontam para o encontro da memória de si com a memória dos outros. Segundo Pollak (1992, p. 211), a memória pode ser compreendida, no primeiro momento, como um fenômeno individual. O autor ressalva, contudo, que ela deve ser vista “[...] como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”, consolidando-se no espaço, no objeto, na imagem, no suporte.

Nossas memórias se misturam às memórias coletivas, pois as vivências estão sempre rodeadas da presença do outro. Ao nos lembrar, nos recordamos de um eu, mas também do grupo de que fazemos parte, ao recordarmos da infância, não nos lembramos de nós, sozinhos, evocamos os primeiros ensinamentos, dos professores, da rua, dos pais, do quarto, da escola, dos irmãos, da primeira bicicleta, de quando, onde e de quem estava conosco nos momentos vividos.

Consoante todo esse processo de trazer as coisas do passado ao presente, podemos entender que essas memórias são constituídas por meio de lembranças individuais, privadas e coletivas, apoiadas pelas lembranças de outro, mesmo que estejam somente ligadas a eventos que somente nos pertencem. (HALBWACHS, 2006). Dessa forma somos parte de um todo. Levamos conosco, em nossas lembranças, as ações do outro mesmo na sua ausência.

## **JUAZEIRO DO NORTE E A RELIGIOSIDADE POPULAR**

A cidade de Juazeiro do Norte-CE é um exemplo típico desse tipo de manifestação, produzindo uma sucessão de eventos que marcam a religião católica popular local, por meio



de romarias, pagamento de promessas, penitências, milagres, procissões, festas etc. verdadeira tradição cultural.

O Brasil, colonizado por Portugal, na medida em que as trocas comerciais e as excursões marítimas foram se consolidando, recebe como herança intensiva influência para práticas religiosas que vão de encontro às práticas ortodoxas católicas e se aproximam das manifestações místicas, nas quais os santos eram invocados para toda e qualquer situação, fazendo relações com o sobrenatural. Surge um catolicismo popular, voltado à invocação de um ser protetor, para a cura imediata, para a resolução dos problemas, mediante os anseios do povo, que se manifestava por meio de pedidos e agradecimentos em festas, cultos, romarias etc.

Nesta perspectiva que vincula a religiosidade popular a um ser protetor, um santo, tem - se aí a manifestação da vontade do povo, na crença autônoma da realização do pedido feito, onde a fé do devoto na providência do santo o leva à conformidade da aceitação ou não da cura, da proteção, do desejo a se realizar, como aborda bem Rolim (1997, p.?) ao afirmar que

[...] este catolicismo popular, cujas práticas não têm conexão orgânica com as práticas sacramentais, e cujas crenças constituem pólos mais ou menos autônomos de religiosidade, acha-se de um lado intensamente embebido de emoção e, do outro lado, nele se instala o sentimento de abandono um tanto passivo à Providência. A crença vivida pelo povo, compreendendo a categoria alta e a baixa, de que o que acontece é porque Deus quis assim, exprime uma ideologia religiosa com funções ambivalentes. Para as camadas baixas da população, afogadas na subnutrição, na mortalidade infantil em grau elevado, na precariedade de condições de saúde, de higiene e de recursos para enfrentarem suas dificuldades, a crença no fatalismo - tinha de acontecer e Deus quis assim, é uma ideologia que as acomoda à situação social em que vivem. O santo aparece como o protetor, que acode nos momentos de dificuldade, mas não os retira desta situação. Para os da camada mais abastada, os bem sucedidos nos negócios, mesmo escusos, os ricos, os donos de muita coisa, a crença no Deus quis assim, é também uma ideologia religiosa que os confirma na sua situação. E o santo é o protetor que os protege para que as coisas continuem bem, para que a riqueza aumente mais e com ela o conforto e o luxo. Podemos dizer que esta ideologia religiosa ambivalente favorece inegavelmente as classes dominantes, e para a classe dominada serve de acomodação, de submissão, de entorpecente. Entre uns e outros, o santo cultuado, implorado, carregado nos andores de procissão, não é o santo, isto é, o santo da história, que lutou contra o egoísmo de si e dos outros, contra a falsidade e a exploração.

Observando as características e ações traçadas ao longo do tempo dessa prática religiosa, são notórias as manifestações da religiosidade popular no universo escolhido da nossa pesquisa. Essa prática religiosa carrega em sua semântica um universo rico de conteúdos simbólicos, que culminam em uma reapropriação das tradições religiosas cuja autoria está na comunidade-romeiros, devotos, penitentes-como expressão de devoção e fé.



Paz (2004, p.14), nos diz que “devoção e culto aos santos e almas, [e] as crenças e as práticas desta forma de catolicismo viabilizam a relação direta entre o santo e o fiel, sem a necessidade de interferência de sacerdotes”. Vê-se aí a presença do profano, do secular, onde a idealização aos santos coloca-se acima de Deus, ocasionando muitas vezes o esquecimento e passando a largo os dogmas e doutrinas do catolicismo oficial.

Padre Cícero além de “santo” também é considerado um empreendedor no crescimento da cidade de Juazeiro no Norte e cercanias, pois, em virtude da religiosidade popular, manifestada pelo catolicismo popular, como observa Santana Neto (2011, p. 5), o

[...] movimento migratório desencadeado pelo ‘milagre de Juazeiro’ que fez com que aquele povoado tivesse sua população multiplicada rapidamente. A figura do padre assumiu características místicas atraindo milhões de romeiros. Crescentes multidões de fiéis vinham a Juazeiro em busca dos conselhos e das bênçãos do ‘Padim Cicho’.

A respeito do “santo”, também conciliador e empreendedor, podemos ver por meio das fontes biográficas um homem que perdoava devotos, ao mesmo tempo em que apaziguava as violências cometidas pelos coronéis. Segundo Araújo (2005, p. 64), a

[...] ação econômica do Padre Cícero, pautada em assegurar a subsistência mediante as limitações materiais, esteve presente em toda a sua atuação religiosa. A presente dimensão constitui um dos pilares de sustentação da concepção de desenvolvimento do Padre Cícero pautada no trabalho e fé.

A relação trabalho e fé pode ser observada nas credices, superstições e supostos milagres de Padre Cícero, que são narrados pelas diversas literaturas. Muitos desses casos relatados pela tradição oral de devotos e antigos moradores de Juazeiro do Norte nos contam sobre a relação de Padre Cícero e o nascimento da festa de Nossa Senhora das Candeias. Conta-se que, em Juazeiro do Norte, um de seus afilhados, que possuía uma sucata, foi ao encontro do Padre queixar-se de estar em dificuldades financeiras, pois, seu ofício não estava mais gerando renda para o sustento de sua família. Foi então que Padre Cícero, em um de seus conselhos, e na missa do domingo, convocou os devotos para a procissão de Nossa Senhora das Luzes e que todos levassem, em vez de velas, lamparinas. O sucateiro trabalhava dia e noite para atender aos pedidos. Em conformidade com tal dito popular Araújo (2005, p. 73) afirma em sua tese de doutorado que a romaria ainda é comemorada, “mantendo a tradição do uso da lamparina e, os artesãos de Joaseiro do Norte reverenciam o Padre Cícero enquanto mentor, o que orientou para o trabalho e o gosto estético refinado”. A convocação da procissão mobilizou a cidade, atraindo romeiros, movimentando todo o comércio:



restaurantes, hospedarias etc. As sucatas prosperavam, os artesãos fabricavam apetrechos em prol da procissão. E assim prosperava Juazeiro do Norte.

Della Cava (1985) destaca o crescente desenvolvimento de Juazeiro do Norte, por ele denominado de “vila santuário”, onde milhares de romeiros instalaram residência fixa, na cidade do “Padim”, gerando em menos de 20 anos um polo de destaque agrícola, comercial e artesanal por meio da fé em busca de trabalho e prosperidade. O que parecia uma convocação para um ato religioso se tornou novamente, como no acontecido “milagre da hóstia”, um salto para o desenvolvimento empreendedor de Juazeiro do Norte.

Com relação às romarias, expressões típica desse tipo de religiosidade, Espírito Santo (1990, p. 137) afirma serem “festas que tem lugar nos santuários populares (...) completamente distintas daquelas que a Igreja organiza nos santuários por ela controlados”. Neste sentido, é possível vislumbrar a oposição entre as práticas da religiosidade popular e o catolicismo oficial.

De acordo com Cordeiro (2008, p. 6),

[...] nas cerimônias locais, romeiros e moradores partilham igual devoção e se aproximam por práticas comuns e comportamentos semelhantes, mas estão em lugares sociais distintos. Para o morador a participação em cerimônias corresponde ao cumprimento de uma obrigação religiosa cotidiana, periódica ou comum. Para os romeiros estar ali é excepcional, “é a felicidade maior do mundo”, emoções são vividas com intensidade, participam da força do grupo e vivenciam um sentimento que não é comum na vida cotidiana.

Assim, é possível observar as apropriações coletivas, tanto no que diz respeito aos espaços tomados pelas romarias, e que foram modificados para receber os romeiros oriundos de outros locais, seja do entorno de Juazeiro do Norte, de estados vizinhos, de outras regiões ou até mesmo de fora do país; como também nas mudanças que essa religiosidade popular reflete no caso dos ex-votos, ao serem transportados das igrejas, capelas e salas de oração, lugares sagrados, para espaços como os museus, fugindo do aspecto sacralizado para adentrar espaços alheios à religiosidade. Esses espaços, como no caso específico aqui estudado, assumem características mistas de sua funcionalidade. São tomados pelos devotos do “santo popular” como “território simbólico”, sagrado, de fé, curas, devoção, preces e louvores, uma espécie de santuário e não só como espaço de exposição, apreciação e manufatura dos objetos expostos. A esse respeito Oliveira (2006, p. 49; 56 e57) nos diz que

[...] é fundamental ter em mente uma conceituação coerente desse território simbólico e contemporâneo chamado santuário. Trata-se do lugar privilegiado de busca do sagrado como dimensão espiritual, mística e sobrenatural da existência. Portanto, os santuários não são, necessariamente, o sagrado, mas tão somente mais



uma localidade privilegiada para experimentar essa sacralidade. Dito de outro modo: os santuários são mediações do sagrado. [...] a prática devocional do catolicismo popular nasce no posicionamento e na fixação da imagem do Santo, que, além de poder ser vista dentro e fora do templo, pode ser frequentemente tocada, demarcando a intimidade da devoção [...] Os espaços que lembram um líder religioso podem suscitar reverência ou ganhar autonomia de devoção [...]

É válido salientar que Padre Cícero é o ícone de toda essa religiosidade popular manifestada em Juazeiro do Norte. Aí, a imagem do homem considerado “santo” pelo povo não está presa aos espaços sagrados, como igrejas e capelas. Muito pelo contrário, se espalha por toda a cidade, ou mesmo fora das fronteiras da região caririense, fixada em praças, exposta nas lojas do comércio, em oratórios erguidos nas próprias residências dos devotos, em miniaturas presas a chaveiros etc. Tudo isso demarca essa prática devocional na qual se percebem a apropriação a ressignificação do sagrado.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa possui natureza qualitativa. Para Minayo (2004, p. 22), a abordagem qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. A pesquisa qualitativa visa à compreensão e à reflexão acerca dos sentidos dos fenômenos a serem investigados e propõe uma visão mais apurada dos aspectos sociais dos envolvidos na pesquisa, como é o caso da nossa visão sobre o fenômeno ex-votivo.

Com vistas a investigar mais profundamente os objetos de pesquisa, valem-nos da triangulação metodológica. A proposição de Fortin (1996 p. 318) traz a triangulação como “o emprego de uma combinação de métodos e de perspectivas que permitem extrair conclusões válidas à propósito de um fenômeno”.

Delineamos nossa pesquisa nos métodos compreensivos. No Interacionismo Simbólico, na medida em que os objetos – em termos de seus sentidos – são criações sociais, ou seja, são formados com amparo na definição e interpretação pela interação humana. (HAGUETTE, 2007). Na Etnometodologia - pois nos guiará na análise dos fatos relatados pelos devotos na busca de identificar os “métodos” que as pessoas usam na sua vida diária a fim de constituir a realidade social. Neste sentido, nos deslocamos em longos passeios que fizemos pela cidade de Juazeiro do Norte, a fim de buscar subsídios para a compreensão da representação simbólica do fenômeno da religiosidade popular nessa cidade. Também, por vários momentos, visitamos esse espaço, tentando identificar a variedade de tipos de documentos ex-votivos a fim de obter subsídios que contribuíssem para nossa proposta de categorização.

Trabalhamos também com análise de conteúdo, tomando como referência principal Bardin (2002, p. 38), que entende essa técnica como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Todas essas observações foram anotadas no diário de campo, no intuito de investigar o sentido do objeto de estudo de forma plena, minimizando os conflitos e tensões nas interpretações e conclusões sobre os dados da pesquisa.

### **APLICABILIDADE DA CATEGORIZAÇÃO FILOSÓFICA ARISTOTÉLICA NOS EX-VOTOS DO MUSEU VIVO DO PADRE CÍCERO**

O Museu Vivo do Padre Cícero foi inaugurado no dia 21 de julho de 1999. A edificação do Casarão tem um grande valor espiritual. Embora seja de natureza privada, pois é mantido pela Entidade dos “Afilhados do Padre Cícero”, ainda assim, ao visitar esse espaço, a primeira impressão que temos é de que se trata de um museu público; afinal, não é cobrada nenhuma taxa para se entrar e muito menos para se deslocar nas diversas salas onde os ex-votos estão armazenados. Esse museu está registrado no IBRAM por meio do Cadastro Nacional de Museus, também conhecido popularmente como o “Museu do Casarão” localizado no bairro do Horto em Juazeiro do Norte-CE.

Considerado um museu de arte religiosa seu acervo é composto por peças religiosas como oratórios, imagens de santos etc. bem como pelos objetos ex-votivos. As peças de ex-votos que chegam ao Museu Vivo do Padre Cícero são deixadas em um altar, onde se encontra uma imagem do santo popular de joelhos, erguido ao centro do museu.

Embora esse museu não atenda todas as prerrogativas necessárias para se fazer museu, ainda assim, é respeitado como tal, pelos próprios organismos consagrados à instituição museológica. Também, não nos podemos esquecer de que o poder da cultura ultrapassa a dimensão conceitual e a vontade do povo é maior do que qualquer coisa. O Padre Cícero Romão é um desses exemplos e, por extensão, o museu que leva seu nome. Morin (2002, p. 35) aprova nosso entendimento, assinalando que a cultura é o “conjunto de hábitos, costumes, práticas, saber fazer, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social.”. Esses aspectos estão presentes no ambiente do Museu Vivo do Padre Cícero. Daí a enorme representação simbólica das peças ex-votivas.

Com origem nas reflexões filosóficas, a categorização reaparece na sociedade contemporânea, sendo contemplada, principalmente, no campo da Ciência da Informação,

Inteligência Artificial e Ciência da Computação, voltando-se para o tratamento, organização e recuperação da informação. Desde a sua gênese, a categorização propõe estruturar o conhecimento, a fim de explicar o mundo, visando a chegar à essência das coisas. Nessa nova modalidade, a categorização busca oferecer opções que possam contribuir para negar ou minimizar a entropia nos ambientes informacionais, como é o caso dos museus.

É no pensamento grego, representado, principalmente, pelas reflexões de Sócrates, Platão e Aristóteles, que as categorias foram propostas, visando a estruturar as coisas e os objetos do mundo, de tal modo que fosse possível seu melhor entendimento. Platão foi um dos pioneiros a estruturar categorias, objetivando à compreensão do conhecimento, por meio da enunciação dos seus gêneros supremos quais sejam: o ser, o repouso, o movimento, o idêntico e o outro. Seu discípulo Aristóteles, no livro *Órganon*, constituído pelos tratados Categorias, Da interpretação, Analíticos Anteriores e Posteriores, Tópicos e Refutações Sofísticas, propõe as categorias, iniciando pelos conceitos homônimos, sinônimos e parônimos. Somente após esses tratados é que passa a explicar as categorias. Ora, a estrutura da categorização traz embutida em sua semântica a representação da informação, seja ela registrada em suporte biológico (espírito) ou em outros suportes físicos, analógicos ou digitais, por exemplo, as peças que compõem os ex-votos.

A todo o momento, mesmo de modo intuitivo, organizamos as coisas e os objetos do mundo, estruturando-os em conjuntos de conceitos “etiquetando-os” conforme a proximidade de senso. Neste sentido Vignaux (1999, p.73) garante que “[...] a história do pensamento é também aquela de uma lenta e paciente obstinação a classificar as coisas, os seres e os fenômenos, para dar um sentido ao mundo”. Corroborando esse autor, Bentes Pinto; Borges; Soares (2010b, p.?) dizem que

[...] a categorização contribui para que os seres humanos, enquanto sujeitos dinâmicos sejam produtores e consumidores de informações referentes ao seu entorno. Quer dizer, é pela capacidade de categorizar as coisas e os objetos do mundo que o homem pode armazenar em seu espírito, infinitos “bancos e bases de dados” contendo informações dinâmicas para serem consultadas cada vez que ele precise estruturar seu pensamento a fim de estabelecer seus fluxos de informação e de comunicação com seus semelhantes.

A categorização estrutura o conhecimento em classes e subclasses, de modo a racionalizar a compreensão dos micro e macroambientes do sujeito, ajudando-o a se deslocar em seus espaços. Logo, nossa maneira de ver o mundo é alicerçada nas categorias que já foram estruturadas de modo arbitrário ou naquelas que a nossa cognição estabelece para dar sentido ao nosso meio ambiente. Portanto, a categorização pode ser aplicada a todos os

âmbitos da sociedade e permite associações com as nossas “leituras de mundo”, de modo a tecer os bilros das rendas entrecortadas pelos nós simbólicos da cultura.

Aristóteles (2000), na obra traduzida por Maria José Figueiredo, *Categorias*, traz a categorização como forma ontológica de estruturar o conhecimento, buscando dar luz a toda essa complexidade percebida hoje na sociedade e que já se anunciava desde o homem pré-histórico. Assim, estruturou os sentidos expressados por intermédio das palavras em dez categorias: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão. Assim para estruturar a categorização dos ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero, baseamos-nos no *Thesaurus* para acervos museológicos, de autoria de Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini, editado em 1987, que é um dos poucos instrumentos terminológicos dessa área no Brasil. Classificamos as peças- ex-votivas em onze (11) grandes categorias, dispostas em ordem alfabética, para que, somente com base nelas, pudéssemos estruturar as subcategorias referentes às peças ex-votivas:

QUADRO 1 – Onze grandes categorias

A) O CORPO HUMANO NA SUA ESTRUTURA COMPLETA E PARTES;	F) ANIMAIS
B) OBJETOS CERIMONIAIS	G) COMUNICAÇÃO
C) OBJETOS PESSOAIS	H) CONSTRUÇÃO
D) TRABALHO	I) EMBALAGENS/RECIPIENTES
E) TRANSPORTE	J) INSÍGNIAS
	K) LAZER E DESPORTO

Fonte: Dados da pesquisa empírica

De posse desses dados, elaboramos as categorias conforme os ensinamentos de Aristóteles, apresentadas aqui para representar os dados finais da pesquisa três das onze categorias trabalhadas:

- A) COMUNICAÇÃO;
- B) LAZER E DESPORTO
- C) OBJETOS PESSOAIS;

#### A) CATEGORIA REFERENTE A COMUNICAÇÃO

Consideramos nessa categoria as ferramentas e os objetos utilizados para registrar e permitir o fluxo de informação e de comunicação entre os humanos. Essa grande categoria foi dividida nas seguintes sub-categorias: documentos, equipamentos de comunicação escrita, sonora/visual, telecomunicação e material de propaganda (publicitário). No que concerne ao primeiro caso, **documentos**, em nossas observações, *in loco*, constatamos que no Museu Vivo do Padre Cícero existem vários documentos manuscritos e impressos, destacando-se bilhetes, fotos, diplomas e carteira de trabalho. Conforme sugerido por Ferrez e Bianchini (1987), em

museus que não possuem bibliotecas ou arquivos e onde não existem a organização e o tratamento informacional desses documentos, eles são agrupados na categoria Documentos. Neste artigo a subcategoria documentos, destacando o ex-voto DIPLOMA.

Quadro - 2 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto – DIPLOMA

	CATEGORIAS	PREDICADOS
	<b>SUBSTÂNCIA</b>	Ex-votos
	<b>QUALIDADE</b>	Diploma de graus
	<b>QUANTIDADE</b>	Único ou vários
	<b>RELAÇÃO</b>	Graça alcançada ou a ser alcançada
	<b>AÇÃO</b>	Agradecimento e/ou desejo de realização
	<b>PAIXÃO</b>	Devoção
	<b>POSSE</b>	Diploma original ou autenticado
	<b>POSIÇÃO</b>	Em quadros fixados em paredes
	<b>LUGAR</b>	Paredes
<b>TEMPO</b>	Rotativo	

Fonte: Dados da pesquisa empírica

## B) CATEGORIA REFERENTE À LAZER E DESPORTO

Esta categoria diz respeito aos brinquedos e jogos, de modo geral, colocados no Museu como peças de ex-votos. Usa-se boneco, tanto para o masculino quanto para o feminino.

Quadro - 3 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: BONECO

	CATEGORIAS	PREDICADOS
	<b>SUBSTÂNCIA</b>	Ex-voto
	<b>QUALIDADE</b>	Boneco de borracha
	<b>QUANTIDADE</b>	Um ou vários
	<b>RELAÇÃO</b>	Graça alcançada ou a ser alcançada / Pedido de proteção
	<b>AÇÃO</b>	Agradecimento e/ou desejo de realização
	<b>PAIXÃO</b>	Devoção
	<b>POSSE</b>	Objeto com características em simetrias com o devoto ou com a pessoa a ser abençoada.
	<b>POSIÇÃO</b>	Sobre superfície de madeira
	<b>LUGAR</b>	Vitrina-armários
<b>TEMPO</b>	Rotativo	

Fonte: Dados da pesquisa empírica

## C) CATEGORIA REFERENTE A OBJETOS PESSOAIS

Incluem-se nessa categoria os objetos destinados a atender as necessidades humanas. Conforme *Thesaurus* para acervos museológicos, se enquadram nessa categoria as subcategorias seguintes: acessórios de indumentária, artigo de tabagismo, de viagem, objetos

de adorno, devoção pessoal, conforto e peças de indumentária. No Museu Vivo do Padre Cícero, observamos a existência dessas duas últimas. Na nota de escopo desse vocabulário, consideram-se como **peças de indumentária** os “objetos usados como vestimentas ou calçados por seres humanos. inclui, também as coberturas de cabeça e máscaras que complementem trajes”. Apresentaremos como exemplo a subcategoria véu e grinalda.

Quadro - 4 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: VÉU e GRINALDA

	<b>CATEGORIAS</b>	<b>PREDICADOS</b>
	<b>SUBSTÂNCIA</b>	Ex-voto
	<b>QUALIDADE</b>	Véus de filó e Grinaldas de pérolas
	<b>QUANTIDADE</b>	Um ou várias
	<b>RELAÇÃO</b>	Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
	<b>AÇÃO</b>	Agradecimento e/ou desejo de realização
	<b>PAIXÃO</b>	Devoção
	<b>POSSE</b>	Objeto de origem
	<b>POSIÇÃO</b>	Sobre superfície de madeira
	<b>LUGAR</b>	Vitrinas
	<b>TEMPO</b>	Rotativo

Fonte: Dados da pesquisa empírica

## CONCLUSÃO

Estabelecemos os pilares desta pesquisa, buscando analisar o discurso imagético do acervo do Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte, representado na figura dos ex-votos, na perspectiva de elaboração de um modelo de categorização baseado nas categorias Aristotélicas, visando à representação indexal.

Ao final das reflexões aqui desenvolvidas, podemos extrair algumas observações em torno da busca das relações e das ações pretendidas no que respeita à representação dos ex-votos, agora como objetos museológicos, ao estabelecer um diálogo entre as funções devocionais (o sentido primário emprestado ao objeto) e a nova função pelo ato da “musealização”.

A pesquisa identificou no Museu Vivo do Padre Cícero um rico acervo de ex-votos, tornando-se um espaço de patrimônio, representando referências da memória cultural e religiosa, concluindo que ex-votos podem se apresentar de formas diversas: réplicas de partes do corpo, fotos, vestimentas etc., colocados nas igrejas ou em museus religiosos.

Entre as instâncias produtoras de conhecimento, se destacam os museus, espaço aqui discutido como lugar de transformação, onde as lembranças se tornam memórias representadas por figuras, sons, imagens e objetos.

Ao abordarmos o modo como essa memória presentificada se enlaça ao cotidiano das pessoas, destacamos as peças de ex-votos como testemunho das vivências de devotos em torno da graça alcançada, como figuras representativas da memória cultural e religiosa referente à figura de Padre Cícero Romão Batista. Sendo assim, ratificamos o fato de que os ex-votos, no contexto observado ao longo dessas discussões, são fontes de informação histórica, veículos de comunicação e preservação da memória.

É válido salientar que não há padrão quanto ao que pode se tornar objeto ex-votivo. Nossa proposta de categorização, mesmo aplicada aos ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero, o que já limita a pluralidade desses objetos, pois estes são enraizados às estruturas culturais de Juazeiro do Norte, foi fruto de uma pesquisa realizada durante no período de julho de 2010 a dezembro 2011. Sabendo da dinâmica desses objetos, é possível que esse aspecto híbrido tenha produzido outros ex-votos que não se encontram nesta pesquisa. Isto não invalida, porém, sua aplicação, mas contribui de forma a indicar os caminhos para compreender a essência do ex-voto, suas manifestações e interferências na sociedade.

Não podemos deixar de identificar, porém, alguns problemas para estabelecer a categorização, pois algumas informações podem estar implícitas em tais objetos. Suas formas e sentidos são constantemente modificados pela cultura, necessitando de uma leitura apoiada em fragmentos, como bilhetes que acompanham as peças, testemunhos de devotos e guias do museu, para extrair, de forma justa, a dinâmica informacional proposta pelas peças de ex-votos.

Com relação à contribuição desta pesquisa, reside em outra perspectiva informacional em relação ao documento não verbal, no caso em baila, as peças ex - votivas, que constituem o acervo do Museu Vivo do Padre Cícero, evidenciando que, como qualquer outra fonte de informação, os ex-votos precisam ser tratados do ponto de vista documental e, para que se obtenha êxito, a colaboração entre a Biblioteconomia e a Museologia se faz necessária. Portanto, temos a expectativa de que esta pesquisa possa servir de base para subsidiar outros estudos, tanto nessas áreas como outras interdisciplinares, principalmente no que diz respeito à elaboração de linguagens documentárias concernentes à terminologia das peças ex-votivas, que ainda são escassas no Brasil, haja vista se tratar de museus que fogem à estrutura daqueles tradicionais.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé.** 2005. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

- ARISTÓTELES. **CATEGORIAS**. Introdução, tradução, notas e apêndices de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A informação e patrimônio arqueológico: formação de memórias e construção de identidades. In: **IX ENANCIB**, 2008, São Paulo. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: USP, 2008.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BENTES PINTO, V., BORGES, R.R., SOARES, J. M.L. Aplicabilidade da categorização em prontuários do paciente visando a recuperação da informação In: Semana de humanidades UFC/UECE/I ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, 7, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC/UECE, 2010.
- BRITO, Carla Façanha. **Proposta de categorização dos ex-votos do Casarão**: o Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Quotidiano e religiosidade: ressignificação de práticas romeiras a partir de estudo de caso no nordeste brasileiro. VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: MUNDOS SOCIAIS SABERES E PRÁTICAS. NÚMERO DE SÉRIE: 184. UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. 25 -28 DE JULHO 2008.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1990.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: MinC/SPHAN/Fundação Pró-memória/MHN, 1987. 2v.
- FORTIN, M.-F. **Le processus de la recherche de la conception à la réalisation**. Québec : Décarie, 1996.
- GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. v. 35, n.3, p. 20-29, mai/jun. 1995.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Semiótica e museu. **Cadernos de Ensaios: estudos de Museologia**, n. 2. Rio de Janeiro, IPHAN, 1994.
- IBRAM. Instituto Nacional de Museus. Brasília: Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança cultural (re) interpretada ou a memória social e a instituição museu Releitura e reflexões. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, jul./dez. 2008. Disponível em:

< <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em 10 dez. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política nacional de museus**. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. Disponível em: < [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica\\_nacional\\_museus.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2011.

MORIN, E. . O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina. 2002.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n.10, p.7-23, 1993.

NOGUEIRA, Carlos. Aspectos do ex-voto pictórico português. **Culturas Populares. Revista Electrónica**, n. 2, maio/agosto 2006. Disponível em<<http://www.culturaspopulares.org/textos2/articulos/nogueira1.htm>>. Acesso em 12 de jan.2011.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo Religioso**. São Paulo: Ed. Aleph, 2006.

PAZ, Renata Marinho. Cariri, campo fértil de religiosidade popular. **Tendências – Caderno de Ciências Sociais**. Crato: v. 2, n 1, p. 9-27, 2004.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Dicotomias religiosas. **Vozes**, Petrópolis, 1997. v. 1.

SANTANA NETO, Manoel Raimundo de. A coleção. In: PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914**. 2.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

VIGNAUX G. **Le démon du classement**. Penser, organiser. Paris: Seuil, 1999. (col. Le temps de penser).

## Notas

---

<sup>1</sup> Esclarecemos que esta pesquisa não contempla o conceito de museu vivo, entendido como sendo territórios que abrigam exposições vivas, pois esses espaços levam em conta espécies de seres vivos existentes na natureza, como zoológicos etc., portanto não se aplica ao caso da denominação de “Museu Vivo do Padre Cícero”, porém, ao longo desta dissertação utilizaremos esta denominação por se tratar do nome registrado no IBRAM. Talvez no caso do Museu do Padre Cícero, esse entendimento de “Museu vivo” seja uma metáfora de eternidade do Padre e por se tratar de um espaço dinâmico e interativo na concepção de seus criadores.